

TERRA DAS MULHERES – A MATERNIDADE COMO TRAÇO NACIONALISTA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

HERLAND – MATERNITY AS A NATIONALIST TRAIT AND THE GENDER RELATIONS

Gislaine Machado¹

Resumo: O presente artigo pretende analisar como algumas das principais ideias recorrentes nos séculos XIX-XX são apresentadas na literatura da época. O livro analisado é *Terra das Mulheres* (1915), de Charlotte Perkins Gilman, uma utopia que trata sobre uma sociedade constituída apenas por mulheres, e que é descoberta por três exploradores. Ideias como civilização, imperialismo e nacionalismo podem ser percebidos ao longo da obra, além da questão de gênero e o lugar que as mulheres ocupavam na sociedade naquele contexto.

Palavras-chave: Charlotte Perkins Gilman; Terra das Mulheres; gênero; progresso; civilização.

Abstract: This article aims to examine how some of the nineteenth and twentieth centuries main recurring ideas appear in literature at the time. The book under review is Charlotte Perkins Gilman's *Herland* (1915), a

¹ Graduanda em História na Universidade Federal do Paraná.

utopia that deals with a women-only society that is discovered by three explorers. Ideas such as civilization, imperialism and nationalism can be noticed throughout the work. As well as gender relations, and the place that women occupied in society at the moment.

Keywords: Charlotte Perkins Gilman; Herland; gender; progress; civilization.

Introdução

Entre o final do século XIX e início do século XX, a produção de obras literárias utópicas escritas por mulheres norte-americanas aumentou consideravelmente. As utopias abordavam a visão dessas mulheres sobre um mundo melhor, pois geralmente faziam críticas aos aspectos culturais da época em que viveram. Segundo Carol A. Kolmerten, o fato de mulheres escreverem e publicarem utopias era um ato subversivo devido à sua condição marginalizada em uma sociedade com uma hegemonia de pensamentos “masculinos” (KOLMERTEN, 1994). Para François Hartog, as obras literárias românticas surgem para dar enfoque nas rachaduras do regime moderno, compreender as suas falhas e aprender sobre a heterogeneidade daquele tempo (HARTOG, 2017). Nesse sentido, a literatura servia como um relato do que estava acontecendo na sociedade naquele momento. Uma das escritoras que vai ter destaque nesse contexto é Charlotte Perkins Gilman.

Charlotte Perkins Gilman nasceu em 1860, em Connecticut, nos Estados Unidos. Cresceu em uma família pobre e teve uma educação

descontínua e limitada. Apesar das dificuldades, frequentou por algum tempo a faculdade Rhode Island School of Design. Além de escritora, foi uma das principais participantes e líderes do Movimento das Mulheres² nos Estados Unidos. Escreveu poesias, contos, novelas, críticas, resenhas e ficções, e em suas obras há reflexões sobre a posição social das mulheres na virada do século XIX para o século XX. Dentre suas obras pode-se destacar *O Papel de Parede Amarelo* (1892), *Women and Economics* (1898), *Terra das Mulheres* (1915)³, e sua continuação *With Her in Ourland* (1915). De 1909 a 1916 Gilman produziu e foi editora da revista mensal *Forerunner*, que continha artigos, resenhas e ficções. Após tratamentos de câncer que se mostraram ineficazes contra a doença, a escritora cometeu suicídio em 1935.

Sua obra mais conhecida, *Terra das Mulheres*, foi publicada pela primeira vez em 1915, em uma série de capítulos na revista *Forerunner*. Porém, é apenas em 1979 que os capítulos são agrupados e publicados como um livro. Inserida em um contexto de expansão imperialista, a

² Movimento das Mulheres ou Primeira Onda Feminista foi um movimento social que aconteceu nos EUA, mas que teve também força em outros países. A princípio, o objetivo central era o sufrágio universal, mas depois questões da vida privada aparecem, como direitos e oportunidades iguais para mulheres em suas atividades econômicas, vida pessoal e política.

³ No original, o livro é chamado de *Herland*, mas na versão brasileira, é traduzida como Terra das Mulheres. No trabalho será usada a versão traduzida, porém, quando for referido às moradoras daquele lugar, será utilizado o termo em inglês, *herlander*.

obra possui referências a este acontecimento, uma vez que conta a história de uma aventura de três exploradores norte-americanos – Vandyck, Terry e Jeff – em busca de uma terra, até então, desconhecida, a Terra das Mulheres. O livro *Terra das Mulheres* é lançado um ano após o início da Primeira Guerra Mundial, mas não se encontram referências a este acontecimento na obra.

Os três homens possuem personalidades diferentes, sendo Jeff um idealizador de mulheres, Terry, o que acreditava que as mulheres deveriam se submeter aos homens e à rotina da casa, e Van, que seria um meio termo entre Jeff e Terry. Ao chegarem na Terra das Mulheres, esses três homens se deparam com uma realidade diferente da que imaginavam: uma terra habitada e organizada apenas por mulheres. Cada vez eles ficam mais curiosos com aquele lugar, principalmente pelo fato de elas se reproduzirem sem a ajuda de homens, através da partenogênese. A história se desenrola a partir das trocas culturais entre as mulheres e os três exploradores e é narrada pelo ponto de vista de Van. Assim, este trabalho visa analisar o livro, considerando a autora, a sua obra e os pensamentos que permeavam a época no contexto histórico no início do século XX.

Imperialismo e tradições

Durante uma expedição científica, Jeff, Van e Terry ouvem falar pela primeira vez sobre a Terra das Mulheres, um lugar que possuía uma atmosfera misteriosa e do qual nenhum homem jamais teria voltado. Em um passeio, os três encontram um pedaço de tecido, que seria de a qualidade comparável à dos Estados Unidos, e logo ficam curiosos pois, de acordo com um dos guias de viagem, era proveniente da Terra das Mulheres. A ideia de um lugar “inexplorado” anima os três. Apesar da qualidade do tecido encontrado ser boa, eles não acreditavam que o lugar de origem do pedaço de pano possuísse um alto nível de civilização: “E também não devemos esperar invenções e progresso; será terrivelmente primitivo” (GILMAN, 2018: 24). Eles pensam que o lugar seria primitivo porque, segundo o guia, aquele lugar só teria mulheres, mas pensam que é normal o tecido ter qualidade pois era comum mulheres serem tecelãs. Assim, a ideia de um lugar apenas com mulheres e com um estágio de civilização tão alto era incomum, dado que o progresso era relacionado principalmente com homens.

As mulheres não eram vistas como parte da história, mas, tal qual os povos colonizados, como parte de um tempo permanentemente anterior no âmbito da nação moderna. Os homens brancos, de classe média, ao contrário, eram vistos como a corporificação de agentes avançados do progresso nacional (MCCLINTOCK, 2010: 527).

Segundo Eric Hobsbawm, “era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os “avançados” dominariam os “atrasados”; em suma, num mundo de império.” (HOBBSBAWN, 1989: 87) Era assim que esses homens se viam em relação àquela terra: eles eram avançados enquanto a Terra das Mulheres era atrasada. Após serem capturados, os homens, em especial Terry, acreditam que as mulheres os tratarão como “libertadores” daquela condição em que viviam – que acreditavam ser primitiva em relação a deles. Era comum que, nos séculos XIX-XX, os romances abordassem o imperialismo de maneira idealizada, no qual o jovem europeu saía de seu país em busca de um tesouro perdido em terras estrangeiras. As aventuras vividas por aquele homem eram narradas de maneira epopeica. Essa literatura cria um *ethos* imperialista, ou seja, como o homem imperialista deveria ser. Na obra de Gilman, percebe-se esse senso de aventura nos três homens.

Ainda sob a perspectiva de uma ideia imperialista, há passagens no livro que se referem à curiosidade das moradoras da Terra das Mulheres de conhecer o que havia fora de sua terra natal. Isso reforça a ideia do *ethos* imperialista de sair do local de origem em busca de aventuras. Conforme conhecem a Terra das Mulheres, eles ficam surpresos com as condições das cidades: eram limpas e bem construídas, belas, com muita natureza, nas palavras deles “[...] parecia como qualquer outro país – um civilizado, claro” (GILMAN, 2018: 27).

Qualificaram as ruas do lugar como melhores que as da Europa, pois eram pavimentadas, projetadas para evitar alagamentos, e as florestas eram mais bem cuidadas do que na Alemanha. Esse é o motivo pelo qual em nenhum momento, até então, eles excluem a ideia de homens também habitarem aquele lugar –, pois parecia um local civilizado.

Paulatinamente, eles descobrem como essa sociedade constituída só por mulheres foi formada: primeiro houve uma guerra que dizimou boa parte dos homens e depois um desastre natural eliminou outra parte. Os que sobraram tentaram subjugar as mulheres que restavam, mas como estas eram a maioria, rebelaram-se contra os homens e os mataram. A partir desse momento, as mulheres foram viver sozinhas. Algum tempo depois, começou o “milagre” da partenogênese, no qual as mulheres davam à luz sem precisarem se reproduzir. Essa sociedade, assim, volta-se para a criação de um lugar que atendesse à necessidade de todas aquelas mulheres e novas crianças que viriam para a fundação dessa nova “raça”.

Com o passar do tempo as mulheres buscam aprimorar a maternidade, pois tinham o intuito de que nascessem crianças melhores. Perceberam depois de alguns anos que isso só se daria através da educação. Segundo Fernandes, naquela sociedade de Terra das Mulheres, “A educação das crianças era uma das bases, senão a principal, para o aprimoramento das mulheres como nação.” (FERNANDES *et al.*, 2017: 268). Ou seja, cada uma delas assumia o papel de nação, e tinham como

objetivo o progresso. “Os discursos sobre o crescimento e sobre os avanços vão se articulando, no fim do século XVIII, na forma de uma doutrina ou teoria do progresso.” (ROSSI, 2000: 114). No entanto, essas teorias ainda estão presentes na sociedade quando Gilman escreve. Aprimoramento, melhoramento e aperfeiçoamento são todos sinônimos para o progresso, e diversas vezes aparecem na obra.

Essas mulheres também criam tradições para essa nova sociedade. Segundo Hobsbawm,

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades tradicionais. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição (HOBSBAWM & RANGER, 1984: 10).

Para Van, “[...] esse povo era uniforme e concordava na maioria dos princípios básicos de sua vida; não apenas concordavam em princípio, mas se acostumaram ao longo das sessenta e poucas gerações a agir sob esses princípios.” (GILMAN, 2018: 157). Assim, essas mulheres criam sua própria tradição, bem como a nação.

Nacionalismo, gênero e maternidade

O nacionalismo é um traço muito forte no livro, e isso pode ser relacionado com a época em que a autora vivia, dado que a questão nacional estava em alta⁴. As mulheres de Terra das Mulheres diversas vezes justificam que seus atos seriam “pela nação” ou pelas habitantes desta. “Cada passo do nosso avanço é considerado em relação a elas... à raça.” (GILMAN, 2018: 92). É criado um vínculo nesse grupo de mulheres, dado que elas compartilham um passado comum e formam essa nação independente, em que se declaram leais a ela e ao seu progresso. Segundo McClintock, “as nações não são simplesmente uma fantasmagoria das mentes, mas práticas históricas nas quais a diferença social é tanto inventada como representada.” (MCCLINTOCK, 2010: 518). A devoção social dessas mulheres era imensa, e suas artes e ciências eram mais fortes do que nunca. “Para elas, o país era uma unidade – era delas. Elas mesmas eram uma unidade, um grupo consciente; pensavam em termos de comunidade.” (GILMAN, 2018: 106).

Segundo o narrador,

⁴ O nacionalismo surge no século XIX, em um momento de consolidação de Estados-Nação, principalmente na Europa. Junto ao nacionalismo, tem-se o sentimento de identidade nacional adotada por quem integra aquele Estado-Nação, e a busca por características em comum que relacionem os indivíduos deste local.

Amavam seu país pois era berçário, parque e oficina de trabalho – delas e das crianças. Orgulhavam-se dele como oficina de trabalho, da melhoria crescente. Fizeram dele um jardim agradável. [...] Mas principalmente o valorizavam – e isso que é difícil entendermos – como ambiente cultural (GILMAN, 2018: 125).

O progresso era um ideal a ser alcançado e estava sempre nas aspirações dessas mulheres. “Paz, Beleza, Conforto e Amor... Com Deus! E Progresso também. Lembre-se. Crescimento, sempre e sempre.” (GILMAN, 2018: 151). Essas mulheres estavam sempre buscando o aprimoramento, sempre buscando se renovar.

Outro assunto que transpõe o livro é a questão do gênero e como essas sociedades tratavam as mulheres. “As mulheres são tipicamente construídas como símbolos da nação, mas a elas é negada qualquer relação direta com a atuação nacional.” (MCCLINTOCK, 2010: 519). Nesse quesito, *Terra das Mulheres* pode também ser entendida como uma crítica à forma como as mulheres eram enxergadas pois, naquela sociedade afastada, elas desfrutavam de todos os seus direitos, sem ficarem subjugadas ao marido. Por outro lado, na sociedade deles, as mulheres viviam outra realidade, pois “nenhuma nação no mundo dá a homens e mulheres o mesmo acesso aos direitos e recursos do Estado-nação.” (MCCLINTOCK, 2010: 518). Isso pode ser interpretado como uma crítica de Gilman, pois o casamento em sua época era considerado

um contrato⁵; as mulheres viravam propriedade e viviam sob a tutela de seus maridos, fazendo tudo o que eles mandassem. “A relação política das mulheres com a nação foi, assim, submersa por uma relação social com um homem através do casamento. Para as mulheres, a cidadania era mediada pela relação de casamento no interior da família.” (MCCLINTOCK, 2010: 524). As mulheres viviam em uma situação de menoridade.

Torna-se, inclusive, difícil para Van explicar como viviam as mulheres de sua sociedade, pois em Terra das Mulheres elas usufruíam o âmbito público e privado, e não havia distinção entre um e outro. Segundo o narrador, “Sempre compreendendo que, para aquelas mulheres de mente tão ampla, cujo interesse mental era tão coletivo, as limitações de uma vida totalmente privada eram inconcebíveis.” (GILMAN, 2018: 129-130).

A ideia daqueles homens era a mesma que estava na sociedade em que viviam: as mulheres deveriam ficar restritas ao ambiente doméstico e se tornarem as “rainhas do lar”. Para eles, as mulheres não deveriam

⁵ No final do século XIX e início do século XX, esperava-se que as mulheres casassem e tivessem filhos. Os casamentos eram legalmente considerados um contrato de posse, em que as mulheres eram vistas como propriedades de seus maridos e tinham seus direitos legais limitados. Além disso, as mulheres deveriam obedecer a seus maridos em tudo, e ficavam restritas ao âmbito privado do lar.

trabalhar e somente poderiam tratar de deveres da casa, nada além disso. A submissão ao marido era algo imprescindível.

Temos dois ciclos de vida: o do homem e o da mulher. Para o homem, há crescimento, luta, conquista, estabelecimento da família, e quanto mais sucesso em ganho ou ambição for capaz. Para a mulher, crescimento, conquista de um marido, atividades subordinadas à vida familiar, e perseguir os interesses de sociedade e de caridade que sua posição lhe permitir (GILMAN, 2018: 134).

Enquanto o homem tinha uma face de negócios, as mulheres ficavam circunscritas ao espaço doméstico. “Uma vez que a subordinação da mulher ao homem e da criança ao adulto era vista como um fato natural, as hierarquias no interior da nação puderam ser expressas em termos familiares para garantir a diferença social como uma categoria da natureza.” (MCCLINTOCK, 2010: 523).

A maternidade tinha uma função especial nessa sociedade de mulheres, pois foi a partir da maternidade, da partenogênese, que elas conseguiram se reproduzir e se desenvolver como sociedade. Da mesma maneira, a maternidade tinha bastante importância na sociedade de Gilman:

Com relação à mulher, especificamente, nota-se que, a partir do século XVIII e principalmente no século XIX, desenhou-se uma nova imagem de sua relação com a maternidade, segundo a qual o bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna. A devoção e presença vigilantes da mãe surgem como valores essenciais, sem os quais os cuidados necessários à preservação da criança não poderiam mais se dar. A ampliação das responsabilidades maternas fez-se acompanhar, portanto, de uma crescente valorização da mulher-mãe, a “rainha do lar”, dotada de poder e respeitabilidade desde que não transcendesse o domínio doméstico (MOURA *et al.*, 2004: 47).

A partir disso, a maternidade vira uma “religião”, e é por esta causa que essas mulheres querem se desenvolver. Por muito tempo aquelas mulheres trabalharam juntas e tornaram os vínculos afetivos mais fortes. É então que acontece o milagre, no qual uma mulher dá à luz uma criança. Após o nascimento da criança, as mulheres procuraram proteger a primeira mulher a dar à luz em um local chamado “Templo da Maaia” que seria, para elas, a Deusa da Maternidade. Pensava-se, a princípio, que haveria um homem entre elas, mas não se encontrou nenhum ali. Essa mulher, sob vigilância no Templo, deu à luz a cinco meninas. Após o nascimento desta primeira criança, criou-se uma raça nova, pois a maternidade era a esperança daquela nação. Segundo Fernandes, “Em *Herland*, o amor materno significava o amor pela vida e pela continuidade da raça. Era um amor amplo, e que não passava pela esfera particular do ser mãe, a que estamos habituados, mas nascia e se

desenvolvia na esfera social do ser mãe.” (FERNANDES *et al.*, 2017: 267). Dessa maneira, percebe-se como a maternidade está, de certa maneira, relacionada com o nacionalismo, pois é por essas crianças que as mulheres continuavam a querer o progresso da sociedade, focando naquilo que importava para elas, a nação e sua continuidade.

As mulheres, segundo McClintock, são relacionadas ao nacionalismo por algumas questões. Três delas podem ser percebidas em Terra das Mulheres: reprodutoras biológicas – elas dão à luz às filhas da nação; reprodutoras de fronteira – por se relacionarem com pessoas fora de sua região, como no caso do casamento de três *herlanders* com os estrangeiros; transmissoras ativas e produtoras da cultura nacional. A questão da maternidade pode ser relacionada com o nacionalismo também pela questão do termo nacionalismo derivar de *natio* – nascer. As terras são ditas, muitas vezes, como “mãe-pátria”. Além disso, McClintock também comenta sobre a relação do nacionalismo com o progresso, para quem

[...] a anomalia temporal no interior do nacionalismo – oscilando entre a nostalgia pelo passado e o descarte impaciente, progressivo, do passado – é tipicamente resolvida pela expressão da contradição na representação do tempo como uma divisão natural de gênero (MCCLINTOCK, 2010: 525).

História e industrialização

As mulheres presentes no romance de Gilman dão grande importância à sua história. Todas as construções e obras de arte do local eram assinadas por artesãs. As mulheres dessa sociedade faziam isso para que pudessem agradecer pelo que tinham e para que não se esquecessem de quem produziu aqueles objetos. No entanto, pode-se perceber aqui que algumas ideias de antepassadas foram deixadas para trás. Conforme a sociedade ia amadurecendo, algumas ideias eram superadas. Como as antepassadas já se foram, segundo a personagem Ellanor, não havia porque respeitar as crenças ou ideias anteriores. Aquelas que se foram sabiam menos do que aquelas que estavam ali. Assim, pode-se relacionar esta ideia com o pensamento de Kant. Segundo ele, os seres humanos precisavam de tentativas, exercícios e ensinamentos que os ajudassem a progredir intelectualmente. Como a vida das pessoas poucas vezes era longa, precisava-se “de uma série talvez indefinida de gerações que transmitam umas às outras as suas luzes para finalmente conduzir, em nossa espécie, o germe da natureza àquele grau de desenvolvimento que é completamente adequado ao seu propósito.” (KANT, 2004: 11).

De acordo com a ideia de uma evolução e acúmulo de pensamentos e conhecimentos, se as mulheres do tempo presente não tivessem pensamentos mais evoluídos do que as antepassadas, elas seriam indignas das que se foram e das crianças que viriam depois delas.

“No entanto, aquelas mulheres, sem a assistência do espírito masculino de iniciativa, haviam ignorado o próprio passado e construído com ousadia para o futuro.” (GILMAN, 2018: 145). Essas mulheres sempre estavam pensando no futuro, e essa pode ser também entendida como uma referência ao progresso.

É comum também perceber no pensamento dessas mulheres a teoria evolucionista que estava em alta no século XIX e na América Vitoriana do século XX. Há uma certa tendência à teoria lamarckista, que propunha que o que não era usado nos animais era descartado ao longo do tempo. “Quando alguém se dedica demais a um só tipo de trabalho, há uma tendência a atrofiar as partes não utilizadas do cérebro.” (GILMAN, 2018: 138). Da mesma maneira, a ideia de que alguns povos eram mais desenvolvidos do que outros é presente na Terra das Mulheres. A civilização delas é tida como antiga e rica. O narrador expõe que elas seriam descendentes da raça ariana dada a sua cor de pele, e assim relacionando a ideia de superioridade de raças com a civilização, também crença do século XIX.

Enquanto ensinam mais às moradoras de Terra das Mulheres, os três homens fazem questão de ensiná-las sobre as divisões raciais que existiam, assim como informá-las sobre o nível civilizatório de cada lugar já conhecido. As mulheres pontuam que, apesar da longa história e de todo o progresso, que elas tanto admiravam e que era presente no mundo deles, aquele lugar ainda possuía muitos problemas. A ideia de

civilização, mais uma vez, é levantada no livro e pode ser interpretada como uma crítica da autora aos problemas da época.

Em relação à sociedade dos EUA – final do século XIX e início do XX, com uma industrialização crescente –, a desigualdade entre os ricos e pobres era muito grande. Era comum que as pessoas, que passaram de uma vida agrária para uma vida industrial, morassem em casas mais precárias e sem saneamento básico. A sociedade retratada daqueles três homens não é descrita de maneira diferente. Quando perguntados o que é “ser pobre”, respondem prontamente que “Nosso país é o melhor no quesito pobreza [...] Não temos os paupérrimos e pedintes dos países mais antigos, garanto. Ora, os europeus nos contam que não sabemos o que é pobreza.” (GILMAN, 2018: 87). Assim, eles não falam apenas da industrialização, mas também de suas consequências naquele momento. Em uma das passagens do livro, um dos exploradores garante que elas são civilizadas, pois no primeiro dia em que chegaram àquele lugar viram uma máquina que parecia um veículo, e se elas possuíam máquinas com motores, logo, eram civilizadas. Isso se dá pela constante relação existente de que o nível de industrialização apontava o quanto certa sociedade era “civilizada”.

Em uma das passagens, Van explicita para as mulheres como era a relação entre as leis evolucionistas e a economia de sua sociedade, além das diferenças sociais e de gênero:

[...] expliquei que as leis da natureza necessitam de luta pela sobrevivência, e que na luta o mais forte sobrevive e o mais fraco não. Na nossa luta econômica, continuei, havia sempre muitas oportunidades para o mais forte subir ao topo, o que faziam, muitos deles, especialmente no nosso país; que quando havia pressão econômica severa, sim, as classes econômicas mais baixas sentiam mais, e que, entre os mais pobres, todas as mulheres eram obrigadas a entrar no mercado de trabalho por necessidade (GILMAN, 2018: 87-88).

No entanto, quanto mais tempo os homens passam na Terra das Mulheres, mais eles percebem os problemas que existiam em sua sociedade: barulho, sujeira, vícios, crimes, doenças, degeneração, cortiços e hospitais.

Um dos três se recusa a voltar para sua terra e de levar junto sua esposa – uma *herlander* – pois ela não se adaptaria à realidade a que seria exposta. O choque de realidade seria muito grande: “nossos problemas mal resolvidos, nossa desonestade e corrupção, vício e crime, doença e loucura, prisões e hospitais.” (GILMAN, 2018: 172). Enquanto a sociedade deles parecia decadente, cada vez mais elas se esforçavam para manter sua nação unida e com boa qualidade de vida, dado que higiene, cultura e saneamento eram indispensáveis para elas. “Conforme eu examinava esses métodos e os comparava com os nossos, a estranha sensação desconfortável de humildade racial crescia aceleradamente.” (GILMAN, 2018: 137). Tratando sobre a realidade

europeia, Maria Stella Bresciani comenta sobre a situação do trabalhador. Apesar de ser uma realidade diferente da dos EUA, serve de apoio para se pensar nas condições que os trabalhadores se encontravam durante a industrialização.

[...] ratos, patifarias, [...] oito ou nove pessoas vivendo num único cômodo, aluguéis escorchantes absorvendo três quartos da renda semanal do trabalhador, a negligência vergonhosa do proprietário em relação à higiene, assoalhos, tetos, paredes e escadas em ruínas, convivem em perigosa vizinhança [...] (BRESCIANI, 1985: 60).

Nos momentos finais do livro, após casarem com as mulheres daquela sociedade, mas sem manter relações sexuais, um dos homens, Terry, tenta estuprar sua esposa. Essa parte pode ser metaforicamente comparada com o colonialismo, em que a colônia seria a mulher estuprada e o homem, o conquistador. Fanon expõe isso, em “como o colonialismo impõe a si mesmo uma domesticação da colônia”. (MCCLINTOCK, 2010: 534). O ato sexual, em *Terra das Mulheres*, seria como uma domesticação daquela mulher e daquela terra.

Considerações finais

Percebe-se, assim, como as ideias, principalmente as do século XIX, estão presentes na obra de Gilman. A autora não apenas expressa essas ideias como também faz uma crítica a vários desses elementos. Essas críticas estão relacionadas, sobretudo, à forma de se tratar o gênero feminino. A escritora faz na obra uma análise de como a visão dos homens era deturpada em relação às mulheres, principalmente quando os personagens masculinos supõem que as mulheres não teriam capacidade para se organizar em uma sociedade civilizada.

A questão da maternidade, tão cara aquele século XIX em que Gilman viveu, parece ter outro fim aqui. A autora usa a maternidade como símbolo do nacionalismo e do progresso, para mostrar que, mesmo vivendo sem homens – que seriam o símbolo do progresso –, elas conseguiam ser uma sociedade altamente desenvolvida, sem precisar se relacionar com outros países ou pessoas. Aquelas mulheres estavam sempre pensando no futuro e ali, naquela sociedade, tinham tudo que precisavam, e tudo o que faziam, faziam pelas novas gerações que viriam através dessa maternidade “milagrosa”. O sentimento nacionalista se associa a essa ideia da necessidade de criar uma identidade para uma sociedade que nasceu depois de tantos imprevistos. Para isso, essas mulheres têm que buscar uma renovação de tudo aquilo que tinham, e isso continua sendo as suas motivações.

O conhecimento adquirido pelas mulheres é de grande importância nessa sociedade, pois é através deste que elas vão progredir.

Por isso que, quando os imigrantes chegam à Terra das Mulheres, elas buscam estudar a sociedade deles para melhor compreendê-la, uma vez que se pudessem aprimorar sua própria sociedade em algum aspecto, baseadas em outras civilizações, elas provavelmente fariam. A partir dessas comparações, os homens percebem o quanto a sociedade deles, que eles achavam muito civilizada é, na verdade, muito inferior em relação à qualidade de vida na Terra das Mulheres.

Gilman também faz uma crítica à sociedade industrial – a industrialização nos EUA, apesar de estar no seu início, estava crescendo rapidamente e já trazia consigo alguns dos principais problemas da indústria. Questões básicas de higiene, saneamento, qualidade de vida, tudo é posto em evidência. A crítica ao papel que as mulheres desempenham na sociedade é também muito forte. Em *Terra das Mulheres*, consegue-se perceber a liberdade que as mulheres tinham, talvez porque elas não dependessem economicamente ou socialmente dos homens. Deste modo, Gilman convida a quem lê seu livro a também pensar nessas questões que ela propõe.

Bibliografia

BRESCIANI, M. S. M. Metrópoles: as faces de um monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, set. 1984/abr. 1985.

Encyclopædia Britannica, inc. *Charlotte Perkins Gilman*. 13 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Charlotte-Perkins-Gilman>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

FERNANDES, L. B. ; OLIVEIRA, S. A. ; RIBEIRO, A. C. R. . O papel das mulheres na utopia: Herland, de Charlotte Perkins Gilman, e El país de las mujeres, de Gioconda Belli. *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, v. 12, p. 261-278, 2017.

GALE Studying Guides. *A Study Guide for Charlotte Perkins Gilman's "Herland"*. 2017.

HARTOG, F. Do lado dos escritores: os tempos do romance. In: *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Impérios 1875-1914*. RJ, Paz e Terra. 1989.

KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOLMERTEN, Carol A. Texts and Contexts. American Women Envision Utopia, 1890-1920. In: *Utopian and Science Fiction by Women: Worlds of Difference (Utopianism and Communitarianism)*. Syracuse: Syracuse University Press, 1994. p. 107-125.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial – Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador. A ideia de progresso*. São Paulo: Unesp, 2000.

WEINBAUM, Alyse Eve. *Wayward Reproductions: Genealogies of Race and Nation in Transatlantic Modern Thought (Next Wave: New Directions in Women's Studies)*. Durham e Londres: Duke University Press, 2004.

Recebido em: 18/08/2019
Aceito em: 17/12/2019